

Cambis

DA ITÁLIA

Roma, setembro — Herbert Moses é sempre gentil: quando eu resolvi vir à Itália ele me deu uma carta para o sr. Cadaval, que é o homem que, no Banco do Brasil, concede câmbio oficial — o que, como vocês sabem, ou pensam que sabem, é uma grande vantagem para quem viaja.

Não tive a honra de falar ao sr. Cadaval, mas um seu auxiliar ouviu minha conversa, leu a carta de Moses, me fez algumas perguntas e indagou quantos dólares eu queria. Dólares pelo câmbio oficial! Fiquei encantado com essa idéia e pedi, se bem me lembro, quatro mil; mas depois de dois dias fui notificado de que só poderia comprar 1.500 dólares italianos. Nunca ouvira falar nessa moeda, e perguntei o que queria dizer. O alto auxiliar do sr. Cadaval me disse que eram dólares mesmo; e disse isso com um sorriso indefinível, como se estivesse achando graça na minha inocência.

Então um corretor se incumbiu do resto, e dois dias depois que lhe mostrei o passaporte e a passagem da Panair me arranjou uma ordem telegráfica para o Banco de Roma. Foi bastante gentil: deu-me também um recibo dessa ordem. Várias pessoas a quem contei essa história, ao me despedir, me ouviram com inveja. Viajar com dólar ao câmbio oficial não apenas é vantajoso como chega a ser distinto. Os jornalistas são mesmo uma classe privilegiada!

Guardei bem no bolso o recibo da ordem telegráfica: lá estava escrito: US Ital. \$1.500. Aquilo era tão gentil que, até parecia que eu não tinha pago nada, que o Banco do Brasil e o famoso sr. Cadaval não apenas me haviam concedido, haviam me dado 1.500 dólares. Certamente o bondoso senhor ficara impressionado pelo fato de eu ser jornalista e poder ter necessidade de viajar por outro país que não a Itália. Assim, no lugar de liras, fizera questão de me dar dólares.

Embora, alguns comunistas afirmem que eu seja um laiaio do imperialismo norte-americano, a verdade é que dólares para mim nunca foi coisa fácil. Tenho viajado com pobres moedas latinas, que todo mundo olha com desgosto ou suspeita. Desta vez ia viajar com dólares. Pagas as taxas, todas as comissões, cada dólar me saía a cerca de 20 paus, e mesmo um pouquinho menos. Embarquei encantado da vida — e o fim da história, que é menos alegre que o princípio, eu deixo para outra crônica.

4/10/51 R. B.

544